

18/7/1986

Partido aponta articulação de direita

Brasília — O Partido dos Trabalhadores denunciou a existência de uma articulação da direita do governo, "capitaneada pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard", com o objetivo de desestabilizar o partido e, ao mesmo tempo, "tentar salvar o pacote econômico que tem vários furos demonstrados pelas greves que estão ocorrendo no país".

O PT acredita que essa articulação tem o respaldo do próprio Palácio do Planalto, uma voz que o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, endossou as acusações de Brossard, segundo as quais o incidente de Leme teria sido articulado pelo partido.

"O ministro Brossard não vai fazer afirmações desse tipo tirando conclusões da sua própria cabeça. Ele tem o respaldo do governo. A direita do governo é que tem o Brossard como seu porta-voz" — afirmou o deputado José Genoíno (PT-SP), que, juntamente com o vice-líder do partido, Djalma Bom, reuniram a imprensa para denunciar a existente de uma articulação contra o Partido dos Trabalhadores.

Eles acreditam que o objetivo final será empurrar o partido na clandestinidade, "o que impediria a participação do PT nas eleições e dificultaria o seu trabalho contra o pacote do governo".

Indícios da articulação

Os dois parlamentares apontam quatro pontos como indícios de que houve articulação da direita do governo para envolver o PT no incidente de Leme, no interior de São Paulo, que resultou na morte de duas pessoas devido ao conflito entre a Polícia Militar e os canaviais em greve. O primeiro deles é a demora, de mais de uma hora e meia, da polícia para efetuar a prisão dos dois parlamentares (Bom e Genoíno) presentes no local quando tudo aconteceu.

— Quando a polícia percebeu o que havia feito — relata Genoíno —, ela se desesperou e pediu orientação de Brasília, que mandou que se armasse tudo para que a culpa caísse no PT.

O deputado argumenta que, se os policiais suspeitassem que os tiros haviam partido deles, teriam efetuado as presas imediatamente.

— Depois que levei as vítimas para o hospital, estive na delegacia para saber se alguém havia sido detido e ninguém me prendeu — conta Genoíno.

Outro fato tido como estranho pelos dois parlamentares foi no momento em que se decretou a prisão, dentro da Santa Casa de Misericórdia. Genoíno conta que assim que o policial pediu para verificar a sua boba — afirmando que procurava uma arma — ele correu para perto do vice-prefeito da cidade, que é do PMDB, e jogou no chão todos os pertences para comprovar que não havia nenhuma arma. Em seguida, pediu para que a bolsa fosse trancada no cofre do hospital. "Não havia arma. Eu não ando armado", disse.

O segundo indício apontado pelos parlamentares de que tudo foi "armado pelo governo", é que o governador paulista, Franco Montoro, afirmou ao jurista Hélio Bicudo, durante a tarde de sexta-feira, que não tinha informações de envolvimento do PT no incidente de Leme, mas depois divulgou uma nota incriminando os parlamentares.

O terceiro é que as vítimas — que tão confirmaram a versão dos tiros disparados do carro ocupado pelo PT — não haviam sido ouvidas no inquérito até domingo, e somente o foram porque o advogado do PT interferiu no assunto.

O quarto ponto citado tanto por José Genoíno como Djalma Bonn foram as matérias distribuídas pela Empresa Brasileira de Notícias (Ebn) — agência de notícias do governo —, antes mesmo do depoimento das testemunhas, onde se afirmava que os tiros haviam partido do carro ocupado pelos deputados petistas. "De onde tiraram isto?" — indaga Genoíno, destacando: "Primeiro, o carro estava parado e, segundo, que nem ele nem Djalma Bonn estavam dentro do carro, e anila não poderiam ser acusados de ter atirado em ninguém."

Versão verdadeira

Os dois parlamentares do Partido dos Trabalhadores não gostam que se chame de versão os fatos relatados por eles sobre o acontecimento. "Não é versão. É a realidade dos fatos", retrucam.

Segundo eles, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) — acusada de ter participado do incidente — jamais esteve em Leme. Quem foi lá durante os três dias que antecederam o conflito foi o deputado Djalma Bonn, "por convocação do sindicato e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura".

Na madrugada do dia 11, os dois deputados seguiram para Leme onde acompanhariam o piquete que vinha sendo feito pelos canavieiros desde o dia 30 de junho, quando a greve foi iniciada. Quando lá chegaram, a tropa de choque da polícia paulista estava insulada do lado oposto ao que se encontravam os grevistas. Enquanto Djalma Bonn andava pela cidade nos outros pontos de concentração dos trabalhadores, José Genoíno chegou a conversar com o comandante da tropa de choque, Camilo Vilar.

— Neste momento, quando eu já havia me identificado, veio o ônibus bem devagar porque acabava de fazer uma curva. Quando os trabalhadores perceberam que eram gatos (pessoas que contratam os bóias-frias) eles começaram a vaiar e xingar. Foi então que o comandante deu a ordem para a tropa atacar. Eu não podia ter disparado nenhum tiro, até porque fui derrubado pelos policiais.

Os parlamentares desmentem a versão de que o carro da Assembléia Legislativa, por eles ocupado, estivesse passando pela frente do ônibus ou mesmo que os tiros tenham partido de lá.

— O carro estava parado ao lado da tropa de choque e só se movimentou quando eu gritei para o motorista vir apanhar os feridos, diz Genoíno. Só então, Djalma Bonn teria chegado ao local: "Pedi para que eles não se apavorassem, porque os tiros eram de festim. Jamais acreditei que fossem tiros de verdade", afirma o deputado.

A partir daí, a confusão estava instalada. "Eu não chamo aquilo de um tiroteio, foi um verdadeiro assassinato. Eram armas contra pedras", lamenta o deputado Jose Genoíno Neto, que ontem mesmo retomou a São Paulo.

(Página 13)